

COMENTÁRIO DE EVOLVI A SINGLER¹*

COMMENT BY EVOLVI TO SINGLER

Giulia Evolvi²

O artigo de Beth Singler "'Abençoado pelo algoritmo': Concepções teístas sobre inteligência artificial em discursos digitais" (2023, neste número) explora o teísmo nas narrativas *online* e discute a secularização. Assim, o artigo parece sustentar o argumento de que o uso de linguagem e metáforas de inspiração religiosa refuta a teoria do desencantamento. Especificamente, a frase "Abençoado pelo algoritmo" (BBtA) atribui um caráter quase mágico à inteligência artificial, provando como a lógica algorítmica por trás das mídias sociais e plataformas pode contribuir para novos imaginários religiosos. Através de uma exploração etnográfica de *tweets* que mencionam a frase "Abençoado pelo algoritmo", Singler identifica sete categorias de codificação que vão desde paródia, a reflexões sobre *gig economy*, e mostra como certas palavras podem conectar a religião a debates sociais e culturais maiores.

O artigo é inovador ao focar não apenas em como os algoritmos moldam a religião digital contemporânea, mas também na análise de narrativas sobre algoritmos. Trabalhos críticos sobre algoritmos são muito necessários, especialmente quando a proliferação de IA força as empresas e usuários a questionarem suas implicações éticas – e não apenas tecnológicas. De fato, trabalhos como de Safiya Umoja Noble, *Algorithms of Oppression: How Search Engines Reinforce Racism* (2018), já denunciaram como a IA perpetua

¹ Tradução para a língua portuguesa realizada por Alice Duarte, graduanda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Doutora em Filosofia. Professora na Universidade Erasmus de Roterdã, Holanda. E-mail: evolvi@eshcc.eur.nl. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6928-5903>.

* Como citar: EVOLVI, Giulia. Comentário de Evolvi a Singler. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 43, p. 107-113, 2023.

estereótipos existentes e espelha uma sociedade adaptada às necessidades dos homens brancos, que muitas vezes também são os criadores das plataformas baseadas em algoritmos. Além disso, os algoritmos têm sido associados negativamente com o aumento do discurso de ódio (Lim, 2017). No entanto, do lado positivo, tem sido sugerido que os algoritmos podem ser usados por ativistas de justiça social a seu favor, uma vez que eles entendam seu funcionamento (Treré, 2019). De acordo com essa perspectiva, os usuários podem estar cientes dos mecanismos por trás dos algoritmos, em vez de atribuir algum poder quase que mágico a eles.

Nesse contexto, os trabalhos sobre algoritmos e religião muitas vezes se concentraram em como as autoridades religiosas e os indivíduos reagem aos serviços religiosos orientados pela IA, como os aplicativos de confissão (Scott, 2016) ou inteligência robótica que executa funções religiosas (Cheong, 2020). Singler leva essa conversa a um passo adiante, analisando como os usuários conceitualizam algoritmos e como eles falam sobre eles no *Twitter*, uma plataforma que também é baseada em algoritmos. Ao fazê-lo, os usuários do *Twitter* discutem a IA como algo inevitável que condiciona a vida cotidiana, uma lógica generalizada que funciona de maneiras quase misteriosas, não muito diferentes da religião. Vou agora delinear os três principais pontos fortes que encontro no trabalho de Singler (dois teóricos e um metodológico), colocando para cada um deles algumas questões sobre as implicações futuras desse tipo de pesquisa em algoritmos e religião.

O primeiro ponto forte do trabalho de Singler é que ele força um repensar da definição de religião no contexto das narrativas digitais. De fato, o tipo de religião que Singler identifica parece estar ligado a práticas fluidas e à incorporação da linguagem religiosa nas conversas cotidianas. A tarefa de definir a religião, que é objeto de debates acadêmicos intermináveis, foi parcialmente resolvida por estudiosos nos campos da religião e da mídia, e da religião digital (Campbell, 2007; Campbell e Tsuria, 2021; Hoover, 2011) adotando a definição de religião de Clifford Geertz:

A system of symbols which acts to establish powerful, pervasive, and long-lasting moods in men by formulating conceptions of a general order of existence and clothing those conceptions with such an aura of factuality that the moods and motivations seem uniquely realistic” (Geertz apud Campbell, 2007, p. 7).

Essa definição é suficientemente ampla para abranger fenômenos quasi-religiosos que ocorrem fora das instituições religiosas, mas ainda se baseia em critérios que diferenciam o que é religioso e o que não é religioso.

Singler, talvez de propósito, não se envolve nem com definições específicas de religião, nem com a literatura em religião digital que discute a questão. Isso evita restringir a análise das narrativas religiosas a certos tipos de religião institucional e constitui uma abordagem que enriquece o escopo do campo da religião digital. Em particular, o mérito dessa abordagem é que ela coloca atenção no que as pessoas fazem e discutem, e não em descrições normativas e definições de religião. Ao fazê-lo, o artigo enfoca a existência de ideias quasi-religiosas e seu papel duradouro em uma sociedade que muitas vezes é retratada como tendo esquecido a religião. Além disso, o artigo toca brevemente na teoria da secularização, insinuando, mas não dizendo explicitamente, que a religião de hoje pode ser explorada em um contexto pós-secular (Habermas, 2008). Para analisar o secularismo e o pós-secularismo, acredito que, mais do que fornecer definições, é importante individualizar as experiências, práticas e discursos que continuam a revitalizar o papel da religião na sociedade. Assim, minhas perguntas seriam: quais são as instâncias que podem apontar para um caráter religioso da IA e como elas podem ser identificadas e analisadas como religião? Como eles podem contribuir para os conhecimentos sobre secularização e pós-secularização?

O segundo ponto forte do artigo, que está intimamente ligado ao primeiro, é a discussão da IA em relação aos novos movimentos religiosos. Embora a aliança entre tecnologia e religião não seja de forma alguma nova – basta pensar nos primeiros "tecnopagãos", que acreditavam na sacralidade da tecnologia décadas antes da proliferação das redes sociais (Cowan, 2004) – Singler revitaliza esse debate aplicando-o aos algoritmos. O artigo discute

fenômenos interessantes como a Igreja de Turing³, que não está diretamente ligada à difusão da sentença BBtA, mas parece provar que há uma tendência a atribuir um caráter divino à IA. Mais uma vez, essa perspectiva não se restringe a uma definição ou compreensão específica da religião, mas permite a exploração de fenômenos quase religiosos que contribuem para novas formas de religiosidade ligadas à tecnologia.

Acima de tudo, Singler argumenta que novos movimentos religiosos podem ser criados também a partir de paródias e metáforas. Lendo este argumento, igrejas paródias como a do "*Flying Spaghetti Monster*" imediatamente vêm à mente, bem como grupos religiosos que se originaram da ficção científica e da cultura pop (Kienzl, 2014). Embora essa perspectiva permita que os estudiosos analisem uma ampla variedade de fenômenos e considerem a formação da religião em ambientes não religiosos, ainda não está claro que tipo de contribuição a erudição em mídia digital e tecnologia pode oferecer para a compreensão de novos movimentos religiosos. Portanto, minhas perguntas: os *tweets* BBtA podem ser considerados como levando à criação de um novo movimento religioso, ou melhor, eles são um exemplo de como o imaginário religioso tradicional persiste na sociedade? O que é "novo" e o que mantém uma certa cosmovisão religiosa no contexto de algoritmos e religião?

O terceiro ponto forte diz respeito ao método do artigo, uma exploração etnográfica qualitativa que aplica uma perspectiva antropológica às mídias digitais. É interessante como o artigo, embora apresente alguns dados numéricos sobre os *tweets* do BBtA, recusa correlações quantitativas e vai contra a tendência contemporânea de confiar na análise de *big data*. Não procura, de fato, avaliar o impacto da sentença, nem alega que ela está

³ A Igreja Turing, de acordo com Beth Singler, é um movimento transumanista que assume uma perspectiva cientificista para divinizar a IA. É um novo movimento religioso que sai de espaços *online* e está conectado a ramificações transumanistas do cristianismo e do mormonismo. Seu documento doutrinário é os "Contos da Igreja de Turing", escrito por Giulio Prisco.

se tornando uma tendência na *internet*. Em vez disso, Singler se concentra em uma amostra extremamente pequena para fornecer uma codificação aprofundada, provavelmente inspirada por uma abordagem de análise temática, para individualizar sete categorias principais de análise. Ao fazê-lo, o artigo focaliza os aspectos linguísticos dos *tweets*, analisando discursos em uma perspectiva que se assemelha à análise do discurso e, portanto, permite explorar o poder potencial da linguagem na formação da sociedade (Fairclough, 2010). Isso é importante para estabelecer que discursos *online* relevantes não são apenas aqueles que atraem um alto número de comentários e grande circulação, mas também aqueles que têm significado cultural por causa de seu significado intrínseco: o simples fato de que a palavra "abençoado" é usada para descrever a IA parece prever que as pessoas estão dispostas a criar algum tipo de conexão consciente ou inconsciente entre algoritmos e poder divino.

Além disso, embora limitada ao estudo de *tweets*, a etnografia digital permite discutir o impacto dos algoritmos em uma variedade de plataformas, incluindo os aplicativos que formam a espinha dorsal da *gig economy*. Mesmo que o *Twitter* seja principalmente baseado em texto e, portanto, não convide o desenvolvimento de representações estéticas da religião, a análise relata imagens vívidas que as pessoas conjuram usando a linguagem. O artigo também menciona a disseminação de narrativas entre plataformas, o que leva às minhas perguntas: como uma abordagem etnográfica pode permitir a exploração de múltiplas plataformas, incluindo, mas não se limitando a, mídias sociais visuais como *Instagram* e *TikTok*? Que tipo de perspectivas metodológicas e teóricas ajudariam a explicar os textos e a estética sobre algoritmos, bem como sua disseminação pelas plataformas?

Em conclusão, o artigo de Singler descreve um novo fenômeno – linguagem religiosa aplicada a narrativas sobre IA – que ajuda a ampliar a compreensão do que é religião, fornece ferramentas para discutir novos movimentos religiosos e implica implicações metodológicas para o estudo qualitativo dos discursos *online*. As perguntas finais que ainda precisam ser feitas dizem respeito ao futuro não apenas dos estudos acadêmicos sobre

algoritmos, mas dos algoritmos em geral. À medida que as novas mídias sociais são rapidamente criadas e expandidas, existe a possibilidade de que o futuro da cultura digital não seja mais tão influenciado por poderes algorítmicos. Plataformas como o *Mastodon* já tentam mudar a lógica algorítmica, e isso pode ser uma solução parcial para os problemas relacionados à IA que Noble (2018) denunciou em seu livro. Portanto, qual seria a implicação da IA para a religião no futuro, dada a rápida evolução da cultura e dos algoritmos digitais? E, se há um futuro alternativo aos algoritmos, como os estudiosos podem capturar a relação entre IA e religião, e como será o interstício entre religião e tecnologia?

REFERÊNCIAS

- CAMPBELL, Heidi. "What Hath God Wrought?" Considering How Religious Communities Culture (or Kosher) the Cell Phone. *Continuum*, v. 21, n. 2, p. 191-203, 2007.
- CAMPBELL, Heidi A.; TSURIA, Ruth (org.). *Digital Religion: Understanding Religious Practice in Digital Media*. 2ª edição. Routledge, 2021.
- CHEONG, Pauline H. Religion, Robots and Rectitude: Communicative Affordances for Spiritual Knowledge and Community. *Applied Artificial Intelligence*, v. 34, n. 5, p. 412-431, 2020.
- COWAN, Douglas E. *Cyberhenge. Modern Pagans on the Internet*. Routledge: Nova edição, 2004.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language*. Pearson: Addison Wesley Publishing Company, 2010.
- HABERMAS, Jürgen. Notes on Post-Secular Society. *New Perspectives Quarterly*, v. 25, n. 4, p. 17-29, 2008.

HOOVER, Stewart M. Media and the imagination of religion in contemporary global culture. *European Journal of Cultural Studies*, v. 14, n. 6, p. 610-625, 2011.

KIENZL, Lisa. “You’re My True Vessel”: Knowledge and Digital Fan Culture Discussed on the Basis of Mediumship and Possession in Supernatural’s Narrative and Fandom. *Journal of Religion, Media and Digital Culture*, v. 3, n. 1, p. 155-180, 2014.

LIM, Merlyna. Freedom to hate: Social media, algorithmic enclaves, and the rise of tribal nationalism in Indonesia. *Critical Asian Studies*, v. 49, n. 3, p. 411-427, 2017.

NOBLE, Safiya Umoja. *Algorithms of Oppression: How Search Engines Reinforce Racism*. Nova Iorque: New York University Press, 2018.

SCOTT, Shoshana A. Q. Algorithmic Absolution: The Case of Catholic Confessional Apps. *Online - Heidelberg Journal of Religions on the Internet*, v. 11, n. 0, 2016.

SINGLER, Beth. “Abençoado pelo algoritmo”: concepções teístas sobre inteligência artificial em discursos digitais. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 43, p. 13-44, 2023.

TRERÉ, Emiliano. *Hybrid media activism: Ecologies, imaginaries, algorithms*. Inglaterra: Routledge, 2019.

Recebido em: 22/05/2023

Aprovado em: 22/06/2023

